

## **Brasil, o país do futuro**

### **Futuro: Socialismo ou Barbárie**

*Contribuição do Coletivo Sindical 1º de maio*

Atualmente convivemos na nossa rede com o enfrentamento ao Programa proposto pelos grandes empresários que pretendem lucrar com educação por meio do seu governo preposto e seu representante na educação, Sr. Abraham Weintraub, o Programa Future-se. Uma crítica senso comum a esse programa a afirmar que ele aponta para o passado ao apontar para a destruição da rede federal de educação e, por consequência, da pesquisa, ensino e extensão, isto é, a produção e socialização de conhecimento, com um mínimo de interesse público, tanto na produção de conhecimento relevante para atender necessidades da maioria da população, quanto em permitir que a base da pirâmide tenha pelo menos uma pequena parte que consiga acessar conhecimento de ponta produzido no país.

Essa crítica contém em si uma visão romantizada da ideia de futuro. O Brasil seria o país do futuro e isso seria algo altamente positivo, porque dá a ideia de evolução positiva e aumento dos níveis de civilidade (leia-se direitos, dignidade, fim das opressões e explorações, desenvolvimento tecnológico e humano e por aí vai. Essa é uma visão idealizada de futuro.

Há mais de um século a lutadora polaco-alemã Rosa de Luxemburgo nos avisou que a luta pela destruição do capitalismo era não somente uma luta pelo fim da exploração, mas uma luta pela civilização em si. É preciso notar que as artes já nos advertem de que a seguirmos o caminho que a humanidade, por meio do modo de produção capitalista, vem se mantendo, nosso futuro será a vida com muita tecnologia acessível sem nenhuma democracia e liberdade a não ser mercadoria para uma parte muito pequena do conjunto da humanidade; fome, miséria e barbárie para a outra parte; destruição ambiental total ou quase total. Pense nos filmes sobre Futuro que você viu, dos mais comerciais, como Jogos Vorazes, O Demolidor, o Preço do Amanhã ou Wall-e aos mais intelectualizados como 1984 ou o recente, porém já clássico brasileiro Bacurau.

Como é o futuro? Quem tem acesso às tecnologias e bens produzidos pela humanidade? E os bens culturais? Como são produzidos os alimentos? Como está o meio ambiente: animais, plantas, microorganismos, água...? O Future-se é peça do Programa Ponte para o Futuro, projeto de Brasil apresentado pelo MDB na agenda do Golpe na democracia e nos direitos dado em 2016. E eles não nos levam ao passado, mas aceleram nossa chegada no futuro da barbárie, fome e exclusão que o ritmo de crescimento histórico do capitalismo (leia-se aumento gigantesco da desigualdade econômica e social com destruição dos mecanismos de defesa dos oprimidos e explorados e consequente aumento da barbárie, com violência e desespero sendo os principais sentimentos compartilhados socialmente) nos reserva.

Um dos pontos chave do aumento da barbárie é domar os corpos e criar cisões na própria classe trabalhadora e no conjunto dos excluídos. E os corpos que em maior número precisam ser domados são os corpos das mulheres, vistos pelo sistema como as produtoras e reprodutoras da força de trabalho - a única mercadoria que gera valor e que, portanto, pode manter e aumentar o padrão de acumulação - as mulheres não

podem ter direitos sobre seu corpo, não podem escolher a maternidade, não podem optar ou não pelo papel de cuidadoras (a reprodução da força de trabalho).

Também precisam ser escolhidos grupos específicos dentre os oprimidos a serem estigmatizados, é preciso aumentar a guerra interna entre oprimidos e explorados, pra facilitar o aumento da exploração. Por razões históricas são os negros, indígenas, quilombolas, os LGBT's, os refugiados e as pessoas com deficiência os que mais sofrem com esse processo. Por essas razões as lutas antifascista, antipatriarcado, antimachista, antirracista, antilgbtobia, anticapacitismo, a luta antixenofobia e antigênocida precisa necessariamente ser uma luta anticapitalista.

Por outro lado, a luta anticapitalista precisa ser uma luta feminista e pela afirmação dos direitos e da autodeterminação dos povos, dos direitos humanos, do reconhecimento e da reparação histórica aos expropriados ou invisibilizados. **A Revolução será feminista ou não será!**

### **Mundo Vasto mundo**

Esse não é um processo localizado, mas acontece em todas as partes do planeta em ritmos e com alcances diferentes a depender da construção histórica de cada povo e do estágio da luta de classes em cada região. O crescimento do fascismo ou da extrema direita e o avanço contra os direitos e garantias democráticas nos países são parte dos mecanismos que a crise de super produção e extrema desigualdade gerada pela forma de reprodução capitalista encontram para tentar manter altas taxas de acumulação. Só há três formas de manter a acumulação:

1. se apropriar de riquezas naturais ou de povos para diminuir os custos de produção;
2. ampliar mercados, tanto procurando participar em novos mercados, quanto mercadorizando novas atividades e bens (educação, sentimentos, saúde, lazer...) e/ou
3. diminuindo o custo da força de trabalho retirando direitos e enfraquecendo as relações de exploração (criando trabalho intermitente, teletrabalho, uberização, pejotização, precariado, trabalho informal...).

Só que como essas 3 formas significam invasões, roubos, piora da condição de vida das pessoas, entre outros, é fácil perceber que a possibilidade de reação é muito grande e, portanto, já são retiradas garantias de direito a greve e organização e se aumentam brutalmente a repressão, a perseguição, a censura e, portanto, esse estágio de reprodução do capital não consegue conviver com as mais frágeis formas de democracia, o que exige respostas autoritárias, que costumam se justificar na organização da sociedade por concepções fascistas e ideologias autoritárias de mundo.

O problema é que a justificativa econômica para esse processo, as ideologias neoliberais aprofundaram tão brutalmente e de maneira tão rápida as desigualdades, tanto entre classes, quanto desigualdades raciais e sem gerar o crescimento prometido (ainda que o crescimento da China, que seguia política macroeconômica em sentido oposto ao ideário neoliberal tenha segurado colapsos mais profundos da economia) que atualmente vivemos uma iminência de nova crise nos países centrais, que a imprensa empresarial costuma chamar de recessão mundial, já que considera que o que acontece nos países periféricos é irrelevante, mas sabemos que muitos já estão em colapso

econômico há anos, como é o caso da Grécia, ou de países da África, especialmente a subsaariana como Somália e Etiópia.

A desregulamentação do mercado financeiro e sua apropriação da política em muitos países faz com que países considerados antes sólidos como a Alemanha vivam uma possível quebra, com impactos possivelmente catastróficos em economias dependentes. E o receituário para lidar com a crise iminente e com os resultados dela quando estourar são mais do que causa a doença, menos Estado para os pobres e mais para os bancos, menos direitos, mais ajuste fiscal, privatizações e intervenções nas democracias com restrições a elas e às garantias individuais.

Se essas crises estourarem é preciso olhar pra história e se lembrar que a última de proporções parecidas (há economistas que avaliam que a atual seria muito pior) foi a de 1929 e resultou na Segunda Guerra Mundial. Aliás, as estratégias militares de países centrais ameaçando a invasão em países periféricos não alinhados, com os casos mais gritantes de Venezuela e Irã, mas não só já podem ser apontamentos de que conflitos bélicos diretos, além das estratégias de dominação via *lawfare*, guerra híbrida e dominação cultural e comercial, possam estar aumentando sua participação nas estratégias de manutenção ou destruição de forças produtivas pra retomada do padrão de acumulação.

Mas para nunca esquecer que esse sistema é estruturado sobre as contradições, é preciso perceber que as forças fascistas estão enfrentando graves problemas e que a vida não está fácil pra eles. Boris Johnson na Inglaterra sofreu um revés depois do fechamento do parlamento e tende a perder espaço, enquanto cresce uma liderança de Jeremy Corbyn com ousado programa de redução de jornada de trabalho e aumento da remuneração para reaquecimento do mercado interno e dos direitos apoiado pelo partido trabalhista. Donald Trump sofre processo de impeachment e aciona máquina de *fake news* para tentar garantir sua reeleição, sendo que os EUA são um dos países centrais com altas possibilidades de nem tendo se recuperado da crise de 2008 retomar um processo recessivo. Em Israel (não achem que é por acaso que os apoiadores do presidente farsante carregam tanto a bandeira desse país nos atos, há que se prestar atenção), Benjamin Netanyahu sofre grande derrota e na Itália, o conservador Salvini também.

O governo ilegítimo de Bolsonaro afasta o Brasil de muitos países, mas o afastamento estratégico dos BRICS é particularmente importante. Em reunião do G20, a reunião completa dos BRICS acontece somente depois que os demais países do bloco, excluindo-se o Brasil, fazem reunião e deliberam tática para lidar com a presença incomoda e começam a fazer conversas e acordos bilaterais. Enquanto isso, a China, país mais importante do bloco, comemora 70 anos da sua revolução cheia de contradições indicando caminho de paz e defesa do meio ambiente, não sem deixar claro que não vai permitir determinado nível de intervenção dos EUA, nem de ocupação de áreas estrategicamente do ponto de vista econômico ou militar, como no caso da Venezuela.

Mas não é possível subestimar o papel que o governo Bolsonaro cumpre para a continuidade do aumento da dependência e da subserviência internacional do Brasil, particularmente aos EUA e a Israel. O discurso de abertura da Reunião da ONU foi milimetricamente calculado e construído na base de uma série de argumentos verdadeiros para tirar conclusões totalmente falsas, reafirmando apoio da sua base mais

fiel, mas também de base estendida e deixando claríssima o projeto que representa ao governar o país submisso aos desmandos do mercado financeiro e da política imperialista dos EUA.

### **Nuestra Mátria Grande**

Na América Latina vivemos um período terrível de regressão dos significativos avanços que aconteceram durante um ciclo de governos progressistas e de centro-esquerda ao logo da primeira década dos anos 2000. Já em 2009 se inicia um novo ciclo intervencionista direto do imperialismo estadunidense com o golpe em Honduras. Os muitos golpes e intervenções antidemocráticas e anti povo que se seguiram, implementadas por elites nacionais dominantes, subservientes a esse imperialismo, mas acomodadas e escravocratas na região se seguiram fortes processos de mobilizações e luta. Lutas pela democracia, na defesa de direitos e serviços públicos, na defesa de direitos humanos, sociais e trabalhistas.

Muitas greves e mobilizações foram registradas e mostra que a reação se fortalece e se continuar e se fortalecer ainda mais, em breve começará a derrotar nas urnas e nas ruas os governos da necropolítica da região. No caso do México e da Argentina, chama atenção a vitória do movimento feministas que aprovou a legalização do aborto. No México esse direito foi conquistado na capital e recentemente em Oaxaca. Na Argentina foi aprovado na Câmara dos Deputados e não passou no Senado por poucos votos, mas as mobilizações continuam cada vez maiores e esse avanço civilizatório deve ser tornado direito em breve.

Em Honduras as mobilizações de profissionais de saúde e educação deflagraram uma campanha para depor o ilegítimo presidente Juan Horlando Hernandez, cada vez mais enfraquecido que chegou a solicitar a presença da marinha dos EUA para “defender a democracia” - leia-se o golpe e os golpistas - naquele país. Claro que é terrível que a luta seja necessária e que é de se lamentar e condenar profundamente a atuação governamental de repressão, perseguição, tortura e assassinatos, mas inclusive por isso é fundamental reconhecer a importância da resistência e luta naquele e em todos os países de nossa grande Mátria Grande.

Esta tese está sendo enviada em outubro, mas quando o Congresso do Sinasefe acontecer será necessário compreender profundamente o significado e os impactos das eleições em Bolívia, Argentina e Uruguai já ocorridas e que podem “mudar a maré” na região e facilitar ou dificultar nossa luta contra o golpe e na defesa do soberania nacional e da educação pública. Por aqui soro antimonotonia é inútil.

Depois da Vaza Jato, das últimas declarações de Michel Temer e Janaína Paschoal e, principalmente, de tudo que vem sendo implementado ou proposto desde abril de 2016, ficou mais do que provado o quão acertada era a posição do Sinasefe de ser contra o golpe maquiado de impedimento e também se mostra profundamente acertada a posição de lutar ativamente pela liberdade do Presidente Lula e de todos e todas presxs políticos do Brasil.

Infelizmente há uma minoria entre os militantes do sindicato que boicota essa atuação pela mesma falta de compreensão que fez alguns contribuírem para que o golpe se efetivasse e nos obrigue a conviver com o ataque aos direitos e à nossa rede.

Como parte da defesa da democracia, das garantias individuais, da liberdade para se organizar e lutar, manter e aquecer a atuação pela liberdade do Presidente Lula

é mais do que necessário, é essencial. Enfrentar os problemas que de fato se criam na categoria nessa defesa também, especialmente com um trabalho de formação política que explicita o porquê essa é uma defesa classista e democrática e não tem nenhuma relação com uma defesa eleitoral ou partidária, tanto que personalidades democráticas e organizações de trabalhadores de todo o Brasil e do mundo reconhecem essa importância de maneira manifesta e ativa.

### **Governo Bolsonaro e a necropolítica**

É preciso reconhecer que o Governo Bolsonaro não rompe com o Projeto do golpe, chamado de Ponte para o futuro, mas não simplesmente o segue como o aprofunda do ponto de vista do entreguismo, da repressão e da paralisação do Estado e implementa uma necropolítica que condena boa parte da classe trabalhadora brasileira ao extermínio pela fome, pela violência (policial e das forças armadas, pela disseminação das armas, pela guerra no trânsito, pelo incentivo ao ódio...), pela perseguição política/judicial, pela exclusão social, pela opressão pela identidade, pela extinção das políticas sociais (de assistência, saúde, educação, cultura...), pela extinção de biomas inteiros, pelas privatizações, pela entrega dos mecanismos de atuação do Estado brasileiro que permitiam a atuação na defesa do povo e da soberania (EC 95, fim do regime de partilha do Pré-sal e sua privatização ou desnacionalização, entrega da Base de Alcântara, pela autonomização do Banco Central...), pelo fim dos direitos sociais, políticos e trabalhistas.

Nessa conjuntura foi um erro do sindicalismo brasileiro colocar a Reforma da Previdência como eixo central único mobilizador da unidade da classe. A compreensão que havia em todas as centrais é que o ciclo de mobilizações que teve seu ápice na greve geral de 28 de abril de 2017 se repetiria em 2019 visto que a classe trabalhadora via ali uma vitória, compreendia esse como um direito essencial e palpável a ser defendido e imporia derrota estrutural na política do golpe. Infelizmente os três fatores dois anos depois tinham contexto e, portanto, capacidade de mobilização totalmente diverso. De 2017 a 2019 o desemprego e as necessidades imediatas (de pagar aluguel ou de comer, por exemplo) e pragmáticas aumentaram fortemente e a questão da aposentadoria para quem tem dificuldades em colocar comida na mesa ou pagar a conta de luz se tornou abstrata, a derrota do governo Temer nessa questão não foi mostrada de maneira concreta à população já que as sucessivas negociações e adiamentos no Congresso derrama impressão (bastante concreta) de que era apenas um debate sobre fazer uma reforma mais justa e a posição que de fato essa reforma ocupa no programa não impede que várias outras questões centrais ao mercado financeiro sigam seu rumo e adia-la por um tempo não prejudica estruturalmente a obtenção do patrimônio natural e público do povo brasileiro a preço de banana mantém o mercado satisfeito o suficiente com o governo nesse processo.

A demonstração desse erro (que o Sinasefe cometeu solidariamente com todas as organizações da classe) foi que as mobilizações que levaram número significativo de pessoas às ruas foram em defesa da educação, a partir da Greve Nacional corajosamente convocada pela CNTE para 15 de maio. É importante se ressaltar duas coisas: é claro que a questão dos cortes orçamentários da educação que mobilizaram de imediato grandes contingentes do movimento estudantil depois que os estudantes do Colégio Pedro II esbracharam Bolsonaro na tentativa de comemorar o aniversário do Colégio Militar do Rio foram fundamentais para a explosão de mobilizações. Até o momento, ao longo de

2019, o movimento estudantil tem sido ponta de lança nas mobilizações populares contra o governo a partir do chamamento conjunto do setor educação do movimento. Essa situação é auspiciosa por um lado e preocupante por outro. Historicamente o Movimento Estudantil foi fundamental pra deflagrar movimentos de massa eficazes no Brasil, casos bastante relevantes são o maio de 1968 contra a ditadura e com protagonismo na Campanha “O petróleo é nosso” no final da década de 1970. Mas não se pode deixar com eles a responsabilidade de enfrentar sozinho esse governo e esse projeto fascistas.

Nos casos em que o ME foi fundamental sempre estão aqueles em que a luta se amplia e movimentos sindicais e populares pegam junto. E esse processo está acontecendo muito pouco e de maneira muito lenta, podendo acabar por desgastar demais as forças desse movimento.

Também é fundamental ressaltar que xs assinantes dessa tese jamais discordaram da centralidade da luta em defesa da aposentadoria e contra a(s) Reforma(s) da Previdência. A divergência manifesta é com dar prioridade total a ela na luta unificada e acabar perdendo o tempo de debater junto à população outras pautas tão ou mais mobilizadoras, como o caso da educação e da defesa do emprego (rapidamente incorporadas depois do primeiro Tsunami da Educação).

Em contexto tão adverso que a classe sofre derrotas possivelmente históricas e luta na condição de resistência (condição essa que pode mudar rapidamente se mantivermos a atenção aos processos econômicos e políticos, o trabalho de base e as táticas adequadas) muito se fala em unidade, conceito fundamental para ter forças pra lutar, aumentá-las e consolidá-las no menor tempo possível para derrotar o retrocesso. Mas, infelizmente, essa ainda tem sido uma palavra vazia no discurso de muitos.

As disputas internas e por espaços nas direções e aparelhos e máquinas permanecem priorizadas nas maiorias das organizações. Nessas condições, o discurso por unidade não tem nenhuma eficácia e a derrota será maior e por mais tempo para a classe como um todo.

Por outro lado, em certos momentos o discurso em torno da unidade serve a oportunistas que alijados do poder pelos que o ocupam nesse plantão e são inimigos de classe para justificar rebaixamento do programa de lutas e atraso nas conquistas. Foi o caso dos que chamaram unidade para negociar minimizar a retirada de direitos da Reforma da Previdência, o que sabemos, não era possível.

Unidade não é subserviência. Só é possível derrotar o facismo lutando pelo fim do capitalismo que o gera e alimenta. O que não será alcançado nem com discursos vazios, nem com oportunismo.

Isso não significa que taticamente, em casos pontuais e quando for possível ter controle do movimento e, principalmente da pauta não seja possível e até mesmo necessário estar inclusive com forças de direita (caso concreto a mobilização de deputados de direita, incluindo o Rodrigo Maia até, para exigir que o STF impedisse a arbitrária tentativa de transferência do presidente Lula a preso comum, nesse caso a defesa da democracia materializada em uma questão concreta foi possível sem nenhuma submissão ou concessão da classe).

### **A gente não quer só comida**

É bastante comum na esquerda e no sindicalismo que acentuemos que o governo fundamentalista de plantão e sua base de apoio elegeram a Educação como sua inimiga,

como inimiga de sua religiosidade, como inimiga de seu projeto social. Novamente essa é uma visão parcial e senso comum da coisa. Os verdadeiros inimigos desse setor são a educação pública, gratuita e de [alguma] qualidade, não o ensino privado de baixíssima qualidade, caro e pago pelo povo duas vezes, uma pelo financiamento estatal que vem recebendo desde o governo de FHC, passando pelo ciclo de governos petista e que agora decide encaminhar desde o golpe (setor de poder econômico que teve papel importante na articulação e implantação do golpe e do Ponte para o Futuro como projeto, diga-se) em uma inflexão em não querer mais que nenhuma parte do bolo de investimento estatal e do [assim visto por ele] mercado de consumo de ensino seja dividido com a rede pública, especialmente a Federal.

Empresas de venda de ensino, notadamente Kroton e Estácio, e fundações supostamente do setor educacional diretamente aos bancos e mercado financeiro, como Fundação Bradesco, Instituto Ayrton Senna, Fundação Roberto Marinho e Todos pela Educação tem praticado intervenção direta na criação e aprovação de políticas públicas em educação para proceder uma completa mercadorização do ensino (APPLE, 1999 e VILELA, 2017), em uma das estratégias de tentativa de solução para a crise do capitalismo (dentro do item 2 do que citado nesta tese na introdução: buscar novos mercados ou mercadorizar novas atividades).

Essa política é articulada e vem ocorrendo de forma ininterrupta no Brasil desde o meio da década de 1990, mas sofre uma inflexão no processo do golpe no qual esse setor decide que acabar com todo o ensino da rede federal, como citado, é a meta. Desde a proposta da PEC 241 (atual EC 95), de Reforma do Ensino Médio apresentada e aprovada no governo golpista de Temer, BNCC, alterações no PNLD entre muitas outras medidas, esse processo vem acontecendo de acordo com o projeto desse setor sem grandes barreiras, mesmo sofrendo forte resistência novamente do Movimento Estudantil (em 2016 pelas ocupações de escolas, entre mobilizações e outras formas de ações, como o escracho).

Segundo esse projeto, a educação precisa ser alterada em sua essência, mantendo o valor de uso que sempre teve para os capitalistas, que é ser o aparelho ideológico que mantém a ideologia dominante inculcada nos trabalhadores e trabalhadoras de maneira que aceitem a exploração e sua condição de ausência de direitos, liberdade e dignidade, sem permitir o aumento da consciência de classe. Mas passa a ter outro aspecto que é a venda de ensino, que precisa compor a matriz de acumulação de capital e expropriação de riqueza da nossa classe pela burguesia.

Enquanto continua a modificar e implantar sua estratégia de mercado no Ensino Médio, junto à prefeituras e governos estaduais especialmente, com a mudança de ministro na educação do governo Bolsonaro começa a desenvolver sua estratégia. Estratégia que passa pelo autoritarismo e militarização das escolas.

### **Intervenção militar nas escolas**

Na verdade o que o MEC pretende fazer nas escolas públicas é uma intervenção, na medida em que os militares irão atuar na gestão, administração e implantação de valores cívicos, como afirma o Ministro Weintraub, e em outras palavras, é a implantação da lei da mordada como forma de impedir a liberdade de pensar e agir que norteiam uma educação libertadora, defendida pelo nosso grande educador Paulo Freire.

Enganam-se aqueles que acreditam que essas escolas serão niveladas aos Colégios Militares, que possuem uma estrutura, carreira docente e investimento direcionado para a boa formação dos filhos de militares ou aqueles submetidos a um processo rigoroso de seleção. O objetivo é outro. É clara a investida do atual governo em querer combater os problemas sociais, que são refletidos no ambiente escolar, como caso de polícia.

Precisamos reagir e dizer NÃO a militarização das escolas públicas, NÃO ao FUTURE-SE, lutar por mais investimento na educação, valorização da carreira dos trabalhadores e trabalhadoras de educação, mais investimentos na assistência estudantil, na estruturação de equipes multidisciplinares como estratégia no apoio e acompanhamento dos nossos estudantes.

### **Do lado de cá da trincheira**

De nossa parte, a organização dos trabalhadores precisa superar práticas pouco produtivas e que contribuem para as derrotas em série que estamos presenciando. A análise de conjuntura romantizada, como se estivéssemos às portas da tão sonhada revolução proletária, impede a luta em um cenário real e distorce as estratégias corretas de atuação sindical. Nos afasta da base, com quem cada vez mais temos dificuldades de comunicação e mobilização.

A burocracia das instituições, as brigas internas por espaço no sindicato e a improdutividade de partes de algumas plenárias, apenas somam dificuldades e nos afastam ainda mais das vitórias. É preciso rever nossa atuação, antes de rever nossas estratégias. Não é possível perder horas votando composição de mesas em plenárias, enquanto o inimigo se movimenta. Não é possível usarmos denúncias cruzadas no Conselho de Ética como moeda de troca, enquanto o inimigo se articula para destruir as carreiras dos trabalhadores em educação e da própria educação pública como um todo. Urge refletir sobre a nossa práxis.

Adicione-se a expectativa de resolução de nossos problemas pelo *lobby* parlamentar e pela judicialização das demandas da classe trabalhadora, o que constitui, em primeiro plano, a transferência das responsabilidades da luta e da conscientização da classe para um grupo tradicionalmente alinhados com os interesses do capital e das grandes corporações. Em um segundo momento, desmobiliza o conjunto de trabalhadores e se presta a ser antipedagógico, no processo de formação da consciência de lutas, combates a opressões, conquistas de direitos e defesa das garantias já arduamente obtidas.

Nossa luta precisa continuar, mas precisa se reaglutinar. Unidade de lutas, com planejamento e assertividade nas ações. Ou assumimos o cenário como ele é, ou faremos tal qual Dom Quixote, a lutar contra moinhos de ventos. A diferença é que neste conto Brasil real, os inimigos existem mesmo e estão com todas as ações voltadas para destruir a Rede Federal como conhecemos hoje. É preciso resistir!

### **Resoluções:**

- 1 – Combater e repudiar o Future-se e todas as iniciativas de privatização do ensino público;
- 2 – Defender a Amazônia e as riquezas garantidoras da soberania nacional;

3 – Promover e lutar pela integração latino-americana, como meio de união de forças contra o imperialismo norte americano;

4 – Afastar toda e qualquer possibilidade de militarização das escolas e modularização do ensino;

5 – Defender as minorias e barrar toda a forma de opressão, sobretudo a mulheres, negros, membros da comunidade LGBTQIA+, juventude pobre e periférica, indígenas e quilombolas;

6 – Defender o Estado Democrático de Direito, a liberdade de Lula e do direito de toda a massa carcerária presa de ter um julgamento justo e digno.

7 - Reaglutinar as forças progressistas em prol do mesmo objetivo, que é a construção de uma educação libertária e antidominante.

Assinam esta tese:

ALUÍSIO GOMES COELHO (CMR-PE). CAMILA TENÓRIO CUNHA (IFB Brasília). DIEGO RODOLFO SIMÕES DE LIMA (VIDEIRA IFC). INÊZ APARECIDA DELIBERAES MONTECCHI (CÁCERES IFMT). ISAÍAS DOS SANTOS (LITORAL IFC). GEORGES SOUTO ROCHA (IFBA). MATHEUS SANTANA (IFBA). ELENIRA VILELA (IFSC). MARLENE SANTOS SOCORRO (IFBA). ROSA MARIA MOTA COSTA (IFBA). ELIEL REGIS DE LIMA (IFMT-CAMPUS CÁCERES). SILVIA ELAINE(IFBA). CAMILA FÉLIX(IFBA). TERESA BAHIA(IFBA). HUMBERTO TEIXEIRA(IFBA). ERISWAGNER SOARES(IFBA). CAMILA SOUZA(IFBA). DÁLVARO BARBOSA(IFBA). HELLEN RODRIGUES(IFBA). EDILZA OLIVEIRA(IFBA). ELIS LOPES (IFBA). FRANCINI GRZECA (IFC VIDEIRA-SC). LUZIA MOTA (IFBA). DAVI CEZAR DA SILVA (IFC VIDEIRA SC).